



Rede Internacional de Gênero e Comércio
Boletim Mensal (IGTN) Vol. 6 nº 6

Dezembro de 2006

Da Reflexão à Diplomacia Silenciosa

www.IGTN.org

NOTÍCIAS DAS NEGOCIAÇÕES

- Destaques do momento nas negociações da OMC: *Da Reflexão à Diplomacia Silenciosa* sobre questões polêmicas – Mariarosaria Iorio, IGTN Genebra.
- As novas “espertezas” do Banco Mundial: mulheres competitivas – Christa Wichterich – WIDE (Women in Development Europe)

A IGTN EM AÇÃO

- “Movimentos sociais e ONGs discutem Regionalismo Alternativo na ASEAN” – Naty Bernardino, IGTN-Ásia.
- Oficina de Gênero e Comércio em Tashkent, Uzbequistão – Secretariado Global da IGTN.
- TOT – Oficina para formar instrutores de gênero e economia no Rio de Janeiro, Brasil.
- Oficina sobre Gênero, Comércio e Emprego em Assunção, Paraguai.

RECURSOS DE GÊNERO E COMÉRCIO

- Elos Comercial-Financeiros e Gênero: Implicações para as Mulheres Asiáticas – Athena Peralta, Avanti Mukherjee, Mariarosaria Iorio, Gigi Francisco, Marina Durano e Naty Bernardino - IGTN-Ásia.
- Análise dos Acordos de Parceria Econômica pela Ótica do Gênero – Lebohang Pheko – GENTA.
- Palestra no Fórum Social da Índia – Liepollo Lebohang Pheko – GENTA.

AVISOS E EVENTOS

- Participação da IGTN no Fórum Social Mundial de 2007 em Nairobi – Quênia.
- **FELIZ 2007 PARA TODAS!!!**

NOTÍCIAS DAS NEGOCIAÇÕES

DESTAQUES DA SITUAÇÃO EM QUE SE ENCONTRAM AS NEGOCIAÇÕES DA OMC: DA REFLEXÃO À DIPLOMACIA SILENCIOSA EM TORNO DAS QUESTÕES POLÊMICAS –

Mariarosaria Iorio, dezembro de 2006, Secretariado da IGTN – Escritório de Genebra.

Diplomacia Silenciosa e o processo baseado em Genebra

Desde julho de 2006, várias consultas foram feitas por diferentes grupamentos de países, a saber, CAIRNS, G20, G33, ACP, LDCs e o não grupo G6 (Canadá, Nova Zelândia, Noruega, Indonésia, Quênia e Chile).

Em 16 de novembro de 2006, o DG da OMC, Pascal Lamy, conclamou uma multinacional a discretamente retomar o processo de negociações em Genebra de forma a *multilateralizar* os contatos bilaterais e plurilaterais. Isso significa que, por ora, essa retomada discreta tem caráter técnico. Neste estágio, os ministros não estão

oficialmente envolvidos. Lamy convoca um *consenso de Genebra* para o desenvolvimento.

Esse *consenso* estaria levando em conta, dentre outros elementos, a eliminação de toda e qualquer forma de subsídio na agricultura até 2013, conforme previsto na Declaração de Hong Kong de 2005, uma redução substancial até 2010, acesso livre de quotas e tarifas para as exportações de algodão dos LDCs bem como ajuda ao comércio para apoiar os custos dos ajustes nos países em desenvolvimento.

Na linha do que ficou acertado pelo Comitê de Negociação do Comércio em 16 de novembro de 2006, os Presidentes começaram a falar com os Membros a partir de vários formatos, desde as conversas paralelas (*fireside chats*) até os fóruns de transparência, para explorar as opções possíveis no sentido de levar à frente as negociações.

Pediram aos presidentes do Comitê sobre agricultura (Embaixador Falconer, Nova Zelândia) e do Comitê sobre bens (Embaixador Stephenson, Canadá) que fizessem consultas com os Membros tendo em vista o fim de março como prazo potencial para o fim das negociações. Esse indicativo de prazo também está conformando as negociações dentro do grupo de trabalho sobre regulamentações domésticas.

Na reunião de 14-15 do Conselho Geral, na condição de Presidente do Comitê de Negociação para o Comércio, Pascal Lamy expôs o status de suas consultas com os Membros.

Ele declarou que a vontade política para concluir a Rodada está sendo reafirmada pelos Membros e que novas flexibilidades têm sido anunciadas por importantes participantes em termos gerais. *Continua o desafio de traduzir essa vontade política e esses sinais de flexibilidade em mudanças substantivas nas posições adotadas pelos Membros, que são necessárias para destravar o processo.* Ele também reconheceu que estão sendo planejados mais contatos, inclusive alguns no nível ministerial, logo para o início do ano que vem, a convite dos nossos colegas suíços¹.

Desde julho, o triângulo de questões polêmicas continua estruturado em torno de níveis de apoio

¹ Palestra do DG na reunião de 14-15 do Conselho Geral.

doméstico na agricultura dos Estados Unidos, nos subsídios à exportação contidos na política agrícola comum da União Européia e, não menos importante também, as demandas do acesso a mercados sobre os países em desenvolvimento com relação a bens manufaturados.

Para ler o artigo inteiro, queira entrar no *link*: <http://www.igtn.org/page/709>

AS NOVAS “ESPERTEZAS” DO BANCO MUNDIAL: MULHERES COMPETITIVAS

“Podem esquecer a China, a Índia e a internet: o crescimento econômico é impulsionado pelas mulheres.” Sob esta citação tirada da “The Economist”, o Banco Mundial apresenta seu novo plano de ação de gênero para o período fiscal de 2007-10 e assim antecipa o objetivo chave de sua política para mulheres e gênero: crescimento. A mensagem política para as mulheres é: vamos melhorar as oportunidades de mercado para que vocês, mulheres, possam competir eficientemente.

Christa Wichterich – WIDE (Mulheres no Desenvolvimento Europa)

Título vistoso dá o Banco Mundial ao seu plano de ação para gênero: “Igualdade de Gênero na condição de Economia Inteligente”. Ao fazê-lo, o Banco continua a seguir suas linhas centrais de argumentação e a mesma motivação que já vai com 30 anos de idade: Em 1975, o Banco visava integrar as mulheres como “recursos humanos sub-utilizados... ao desenvolvimento” de forma a promover a produtividade, a eficiência e o crescimento e, conseqüentemente, reduzir a pobreza. Em 2006, o Banco quer apoiar o “empoderamento econômico” das mulheres... de forma a promover o crescimento compartilhado e acelerar a implementação das MDM 3”. Em 1975, o mantra era “integração”, hoje é a “competitividade” das mulheres. Segundo o Banco Mundial, a lacuna entre a capacidade das mulheres – conforme dito no jargão do Prêmio Nobel Amartya Sen – e suas oportunidades econômicas é ineficiente. Ao ser preenchida essa lacuna através da participação e dos ganhos das mulheres na força de trabalho, espera-se que a pobreza seja reduzida e o crescimento acelerado. “A justificativa comercial para expandir as oportunidades econômicas das mulheres torna-se cada vez mais evidente”, noutras palavras: o

empoderamento econômico das mulheres se paga. “Isso nada mais é que a economia inteligente”, explica o Banco.

A linguagem e os conceitos de referência do Banco Mundial podem ter mudado, mas a relação entre o propósito e os meios na sua política para mulheres/gênero não mudou. E isto apesar de três décadas de intensas lutas pelos direitos das mulheres no nível multilateral e nacional e as não menos importantes lutas pelos direitos econômicos e sociais. Independentemente disso, o paradigma dos direitos das mulheres/direitos humanos não é usado pelo Banco como arcabouço normativo; sequer é mencionado no plano de ação.

Trinta anos atrás assim como hoje, a preocupação fundamental do Banco era e ainda é uma economização da questão das mulheres que esteja em conformidade com o mercado. Naquela época, e assim continua sendo, o objetivo principal de aumentar os “investimentos nas mulheres” era usar a mão-de-obra feminina e os recursos humanos femininos para os mercados de forma que eles funcionem de forma “mais inteligente”, o que significa evitar um fracasso do mercado e uma distorção da concorrência. Segundo o Banco, ocorre um “fracasso do mercado” capaz de prejudicar a eficiência e o crescimento quando “os recursos não são alocados onde o retorno é mais alto”.

Por causa disso, o plano de ação de gênero se concentra em alocação e empoderamento apropriados das mulheres em quatro mercados: de terra, de mão-de-obra, de produtos e financeiro. Para a implementação disso, o Banco Mundial elaborou uma estratégia bifurcada. No nível das políticas, ele quer tratar daquilo que impede acesso aos mercados e da discriminação contra as mulheres, fazendo assim com que “os mercados funcionem para as mulheres”. No nível das agências, quer apoiar as atividades empresariais, integrar as iniciativas das mulheres e aumentar a “compatibilidade entre o papel produtivo e reprodutivo das mulheres” de forma a “empoderar as mulheres para a competição nos mercados”.

O Banco Mundial passou anos se concentrando no desenvolvimento do capital humano das mulheres e na utilização do seu capital social. Agora o enfoque se dá em remover os fatores discriminatórios através de regulamentação legislativa, especialmente no que tange títulos de

propriedade, [títulos](#) de [herança](#) e direitos fundiários, bem como em melhorar as oportunidades competitivas para o acesso a mercados. O acesso e a participação em mercados são conceitos fundamentais no palavreado, não são conceitos de sustento, de renda, de segurança alimentar ou social, ou de implementação de direitos humanos/das mulheres.

Tão necessário e importante é promover a igualdade de gênero no mercado quanto unidimensional é o embasamento do Banco Mundial para o seu plano de ação que visa definir os papéis das mulheres no modelo neoliberal de mercado enquanto interlocutoras independentes, seja como empreendedoras, proprietárias de terras, clientes de serviços financeiros ou como flexíveis trabalhadoras de meio expediente. Por outro lado, atividades econômicas concretas de mulheres, na agricultura, nos pequenos comércios, na prestação de serviços, ou na exportação, desaparecem por trás dessas funções de agentes do mercado. Grupos de mutirão e trabalho informal devem ser puxados mais para o fundo do sistema dos negócios.

Tampouco são mencionadas as complexas causas da pobreza que mantêm as mulheres – bem como sua mão-de-obra não remunerada – em empregos marginalizados, mal-pagos, precários e inseguros. Assim mesmo, o plano de ação coloca o empoderamento econômico das mulheres dentro do arcabouço de se atingir as MDMs; ele não se refere à pobreza específica das mulheres ou à chamada feminização da pobreza. Fica, portanto, a pergunta: como é que a remoção planejada das barreiras e distorções de mercado, por exemplo, a redução planejada dos “custos temporais e monetários da formalização de empresas” serviria como instrumento na redução da pobreza de 100 milhões de pequenas agricultoras?

De forma a atingir uma economia inteligente e igualitária em termos de gênero, o Banco Mundial planeja atividades em três áreas de países escolhidos (20 países de baixa renda, 10 de renda média e 3 estados frágeis).

- 1) Desenvolver um “conhecimento analítico” e reunir dados e estatísticas desagregados em termos de gênero com vistas a evitar falhas de mercado – conforme a alegação de ser um “banco de conhecimento”.

- 2) Engendrar operações do Grupo Banco Mundial e trabalho econômico e setorial conforme a alegação da transversalização do gênero.
- 3) Implementar iniciativas baseadas em resultados conforme a alegação de “eficácia da ajuda”.

O plano está muito bem arranjado como um sólido arcabouço do berço ao túmulo com “compromissos” ramificados do BM e indicadores quantitativos. Será monitorado e avaliado pelo sistema de controle de qualidade do próprio Banco. Dentro desse quadro, está planejado, por exemplo, para engendrar levantamentos do clima dos investimentos e para realizar avaliações de gênero e crescimento. Porém, quais conclusões políticas concretas seriam tiradas dessas avaliações de impacto não são ditas. A mão-de-obra barata de trabalhadoras complacentes estaria classificada dentro dessa “inteligência” para o clima dos investimentos? As imigrantes que dão duro no trabalho mal pago nas casas de família ou como acompanhantes e ainda enviam dinheiro para seus países de origem também seriam consideradas como parte dessa “inteligência” para o crescimento econômico dos países que enviam e que recebem?

Não é mesmo de se esperar que o plano de ação do Banco Mundial venha a fazer uma análise crítica das estratégias de mercado, dos interesses empresariais ou das regras do comércio que contínua e sistematicamente produzem desigualdades e divisões entre as pessoas. Entretanto, esse silêncio acerca das estruturas econômicas discriminatórias que informam os mecanismos de mercado resulta num grande ponto de interrogação: como é que o Banco Mundial pretende melhorar de forma significativa as oportunidades de mercado para mulheres sem mudar as estruturas que não param de empurrar aquelas trabalhadoras que praticam agricultura de subsistência, montam suas barracas de venda nas ruas, se dedicam aos cuidados domésticos, buscam empregos nas indústrias locais, muitas vezes informais, nas economias familiares, bem como aquelas que migram em busca de trabalho para posições cada vez mais precárias e para a pobreza.

O que mais impressiona quando lemos o plano de ação é o pensamento unidimensional que coloca os mercados como elemento central e não os seres humanos ou os direitos e potenciais econômicos das mulheres. A distorção da concorrência que prejudica as mulheres é algo

que deve ser retirado de forma que as mulheres possam competir em condições de igualdade. Entretanto, elementos de reciprocidade, obrigação social ou economia moral que têm grande importância no contexto econômico para as mulheres são sistematicamente ignorados. Essa unidimensionalidade e cegueira para as alternativas econômicas torna o conceito que o Banco Mundial tem da igualdade de gênero nos mercados globais uma versão esperta do dogma da concorrência e do crescimento com a subjacente mensagem de mercado totalitário: Não há alternativa!

A IGTN EM AÇÃO

“MOVIMENTOS SOCIAIS E ONGs DISCUTEM REGIONALISMO ALTERNATIVO NA ASEAN”

Naty Bernardino, dezembro de 2006 - IGTN-Ásia

Debatendo visões políticas alternativas e imaginações de regionalismo alternativo na região da ASEAN, organizações de mulheres se reuniram numa oficina intitulada “Mulheres Retomando a ASEAN como um projeto democrático” durante a 2ª Conferência da Sociedade Civil da ASEAN realizada de 10 a 12 de dezembro de 2006 na cidade de Cebu, nas Filipinas.

Conjuntamente organizada pela IGTN-Ásia, pela ISIS International e pelo Instituto das Mulheres e do Gênero (WAGI) da Miriam College, a oficina começou com uma contribuição de Gigi Francisco, da IGTN-Ásia, sobre políticas feministas transnacionais como um quadro geral sobre o qual traçar a discussão em torno das questões de gênero para um regionalismo alternativo. Aprofundando-se nos fundamentalismos religiosos e culturais, o ressurgimento de estados autoritários patriarcais e a direção neoliberal da integração econômica regional, os grupos de mulheres colocaram a necessidade de uma resistência renovada e de um engajamento crítico de instituições como a ASEAN e seus estados membros. O recém-formado comitê da ASEAN para mulheres e crianças foi visto como uma janela de oportunidade para o engajamento crítico da entidade.

Houve outra oficina, sobre “Gigantes Corporativos emergentes da Ásia/ASEAN na Indústria Agrícola e Alimentar”, também organizada em conjunto, por IGTN-Ásia, Agribusiness Accountability Initiative-Ásia, SEACON e Focus on the Global South. Esta abordou estudos de caso de países

na Tailândia, Indonésia e Filipinas, onde se observou o crescimento de certas corporações asiáticas em dominância paralela com multinacionais do mundo ocidental, especialmente em mercados agrícolas e de alimentos da região. Participantes da oficina, primordialmente representando grupos agrícolas, ambientalistas e de consumidores, viram isso como uma questão emergente para uma campanha de incidência de longo prazo na integração econômica impulsionada por corporações na região.

Em suma, a 2ª ACSC conseguiu reunir um amplo espectro de movimentos sociais e ONGs na região cujas perspectivas e estratégias para incidência em torno da ASEAN eram politicamente diversas. Em seus comentários feitos no encerramento da conferência, Gigi Francisco destacou que, apesar dessa diversidade que por vezes levantou barreiras de espinhos no caminho para se chegar ao consenso, a conferência valeu o esforço de forçar um início dos debates das ONGs no sentido de concretizar iniciativas para um regionalismo alternativo centrado nas pessoas.

OFICINA DE GÊNERO E COMÉRCIO EM TASHKENT, UZBEQUISTÃO

O secretariado global da IGTN patrocinou um curso aberto de treinamento sobre “Gênero, Comércio e Direitos das Mulheres” e também uma sessão de dois dias com o intuito de montar uma pauta para o trabalho a ser realizado com o Capítulo da IGTN na Ásia Central. O curso foi realizado em Tashkent, Uzbequistão, entre 28 de novembro e 2 de dezembro de 2006. A oficina também estava vinculada à reformulação do Relatório Inter-regional da IGTN-AC: *Questões de Gênero e Comércio em Países da Ásia Central*. Dentre os 23 participantes dos dois primeiros dias, havia mulheres e homens do Uzbequistão, do Quirguistão, Cazaquistão e Tajiquistão, e também gente do fomento tanto governamental quanto não governamental e do mundo acadêmico. Os participantes da segunda parte consistiram em duas pessoas com potencial para ponto focal da CAIGTN oriundas de cada um dos países (Uzbequistão, do Quirguistão, Cazaquistão e Tajiquistão).

Os objetivos da oficina foram a capacitação dos membros da IGTN-Ásia Central para:

- Desenvolver uma compreensão da relação entre gênero, economia e comércio, bem como os elos conceituais entre gênero, comércio e o debate da OMC.
- Facilitar a criação de políticas, instrumentos e processo alternativos de contraposição às tendências sociais regressivas.
- Elaborar uma pauta para o trabalho futuro.

A facilitadora, Carmen de la Cruz, lançou mão do arcabouço da educação popular, usando a alfabetização econômica como ferramenta para elaborar o programa, mas devido à composição do grupo participante nos dois primeiros dias, resolveu combinar perguntas abertas, sessões de *brainstorming* e grupos de trabalho com experiências de ensino formal da economia, tentando fazer sessões o mais participativas possível.

A segunda parte da sessão teve início no terceiro dia, com quatro apresentações de diagnósticos de países (previamente preparadas pelos participantes) de forma a definir tendências regionais comuns. Quando esta sessão terminou, Fabiana Comparato (secretariado da IGTN – encarregada de comunicações) fez uma apresentação da IGTN enquanto rede global, dos seus objetivos, linhas de trabalho, atividades, capítulos etc.

Depois desse esclarecimento, os participantes definiram tendências principais para a região e fizeram uma análise SWOT, que considera pontos fortes e oportunidades, e pontos fracos e ameaças, do trabalho nas questões de gênero e comércio. Tendo a informação organizada, definiram-se as estratégias principais para o trabalho na região. Em termos gerais, tanto a oficina quanto a reunião para elaboração da estratégia foram bem-sucedidas e esperamos continuar explorando cada vez mais as questões da região da Ásia Central em nossa rede no futuro próximo.

TOT – OFICINA PARA FORMAÇÃO DE FORMADORES EM GÊNERO E ECONOMIA NO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Como parte do programa “Ligando a Incidência na Alfabetização Econômica com a Conscientização para o Empoderamento de Mulheres”, a WIDE (Mulheres no Desenvolvimento Europa) e a IGTN

(Rede Internacional de Gênero e Comércio) organizaram, entre 14 e 17 de novembro de 2006, no Rio de Janeiro, Brasil, um curso de Formação de Formadores em Gênero e Economia.

Voltado para mulheres do mundo inteiro, o evento tinha entre seus principais objetivos aumentar a quantidade de formadoras em alfabetização econômica com um enfoque nas questões de gênero e conhecimento de diferentes metodologias, bem como fortalecer a capacidade de incidência política em termos de gênero e economia, ao mesmo tempo em que propiciava às participantes das diversas regiões uma troca de informações e experiências.

Os principais temas abordados foram o do patriarcado econômico a partir de uma ótica feminista, a globalização e a liberalização, alternativas de economia feminista, a deterioração da qualidade de vida das mulheres e estratégias para interromper essa tendência nos diferentes níveis (pessoal, comunitário, nacional, internacional), e a agenda econômica feminista.

A oficina contou com a participação de 27 mulheres de 21 países diferentes e o resultado dessa grande integração e diversidade cultural pode ser observado no vídeo final (filmado, editado e finalizado pelas facilitadoras e participantes da oficina) através do link: <http://www.youtube.com/watch?v=hl30yYxNkmA>.

OFICINA SOBRE GÊNERO, COMÉRCIO E EMPREGO EM ASSUNÇÃO, PARAGUAI

Como parte do projeto “Equidade das Mulheres no Campo de Trabalho” realizado pela Rede de Ms e Habitação da América Latina, com o apoio da União Européia, o capítulo latino-americano da IGTN realizou uma oficina de capacitação em gênero, comércio e emprego entre os dias 27 e 30 de novembro de 2006 em Assunção, Paraguai.

O objetivo da oficina foi o de oferecer a mulheres de diversos países da América Latina capacitação em processos de liberalização e acordos do comércio e os impactos que eles causam no mercado de trabalho, com enfoque específico nos aspectos de gênero.

A abertura da oficina contou com a participação do Ministério das Mulheres do Paraguai, de

diretores da ONG Alter Vida (que sediaram o evento) e de Norma Sanchis, responsável pelo programa de capacitação da Rede Latino-americana de Gênero e Comércio. Foram 30 mulheres participando da oficina vindas de 6 países da região: Argentina, Brasil, Paraguai, Peru e Uruguai. Dentre elas, havia membros de organizações e redes de mulheres, sindicalistas, empresárias, parlamentares e funcionárias governamentais.

RECURSOS DE GÊNERO E COMÉRCIO

ELOS ENTRE COMÉRCIO E FINANÇAS E O GÊNERO: IMPLICAÇÕES PARA AS MULHERES ASIÁTICAS

Autoras: Athena Peralta, Avanti Mukherjee, Mariarosaria Iorio, Gigi Francisco, Marina Durano e Naty Bernardino – novembro de 2006 – IGTN-Ásia.

O 6º pacote abrangente da IGTN-Ásia sobre Alfabetização Econômica tem sete módulos, contendo artigos sobre Ajuda para o Comércio e desenvolvimento, micro-financiamento e redução da pobreza, remessas de imigrantes, e elos entre gênero e o mundo do comércio e das finanças.

Disponível em: <http://www.igtn.org/page/708>

ANÁLISE DOS ACORDOS DE PARCERIA ECONÔMICA A PARTIR DA ÓTICA DO GÊNERO

Liepollo Lebohang Pheko – GENTA.

Artigo apresentado à Comissão Européia em Bruxelas por Liepollo Lebohang Pheko da IGTN-África impactos em termos de gênero causados pela liberalização dos Acordos de Parceria Econômica (APE). Lebohang argumenta que os APEs não examinaram o custo da liberalização sobre as mulheres em termos de recursos físicos e humanos e do capital social necessário para transferir recursos e técnicas como controle de forma a efetivamente gerir a liberalização. Por isso é necessário construir um exame mais amplo do programa de liberalização dos APEs a partir de contexto de gênero que leve em conta a não neutralidade da economia de mercado.

Disponível em: <http://www.igtn.org/page/710/1>

PALESTRA NO FÓRUM SOCIAL DA ÍNDIA

Liepollo Lebohang Pheko – GENTA.

Palestra proferida por Lebohang Pheko, da IGTN-África, no Fórum Social da Índia em 13 de novembro de 2006 sobre questões neoliberais.

Disponível em: <http://www.igtn.org/page/711/1>

AVISOS E EVENTOS

PARTICIPAÇÃO DA IGTN NO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2007 EM NAIROBI – QUÊNIA

Durante todo o Fórum Social Mundial de 2007 em Nairobi, Quênia, a IGTN estará realizando eventos. No contexto do projeto comum com o IATP sobre Segurança/Soberania Alimentar, Agricultura e Gênero, a IGTN e o IATP estarão organizando uma reunião de estratégia nos dias 18 e 19 de janeiro, logo antes do FSM, intitulada “Fórum das Mulheres Líderes Globais sobre Agricultura, Soberania Alimentar e Comércio”. Essa colaboração também inclui um Painel durante o FSM, que foi idealizado pela FES e vai durar provavelmente um dia inteiro, a ser realizado talvez no dia 21 de janeiro (data e horário ainda por confirmar). O painel “Gênero, Alimento, Agricultura e Comércio: em direção a uma agenda alternativa de desenvolvimento” dará destaque ao papel das mulheres na alimentação e na agricultura e ao impacto que a liberalização do comércio tem causado sobre o sustento e a segurança alimentar a partir de uma ótica do gênero.

Para assinar ou cancelar assinatura do Boletim Mensal da IGTN, vá para o endereço:

https://charlie375.server4you.de/cgi-bin/mailman/listinfo/igtn_bulletin

Para ler Boletins antigos, vá para o site da IGTN:

<http://www.igtn.org/page/bulletins/>

Boletim editado por: Fabiana Comparato